
PEDAGOGIA

NICOLLY ROUTH FRANCISCO

**ASPECTOS SENSORIAIS E O COTIDIANO
ESCOLAR DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**



RIO CLARO - SP
2025

NICOLLY ROUTH FRANCISCO

**ASPECTOS SENSORIAIS E O COTIDIANO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Prof. Dr(a). Daniel Romão da Silva

RIO CLARO - SP
2025

F819a	Francisco, Nicolly Routh Aspectos sensoriais e o cotidiano escolar de crianças com transtorno de espectro autista (tea) / Nicolly Routh Francisco. -- Rio Claro, 2025 33 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro Orientador: Daniel Romão da Silva 1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Aspectos sensoriais. 3. Inclusão escolar. 4. Estratégias pedagógicas. 5. Educação inclusiva. I. Título.
-------	---

NICOLLY ROUTH FRANCISCO

**ASPECTOS SENSORIAIS E O COTIDIANO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências, Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciatura plena em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Daniel Romão da Silva (Orientador)

Prof. Dr. Rinaldo Correr

Profa. Dr. Emille Gomes Paganotti

Aprovado em: 03 de Novembro de 2025

Assinatura do discente

Assinatura do(a) orientador(a)

Assinatura do(a) coorientador(a)
(se houver)

Assinatura do(a) supervisor(a)
(se houver)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, fonte de sabedoria e força em todos os momentos. À minha família, pelo amor incondicional, incentivo e apoio em cada etapa desta jornada acadêmica. Aos meus amigos e colegas, pela compreensão e companheirismo nos momentos de desafios. A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste sonho, deixo aqui minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Nem sempre a vida foi leve. Cresci entre ausências que feriram e presenças que me salvaram.

À minha mãe, minha fortaleza e porto seguro, deixo minha eterna gratidão. Ser sua filha é meu maior privilégio. Você foi abrigo quando tudo desmoronava, direção quando a vida parecia confusa e amor quando o mundo se mostrou duro demais. Onde deveriam existir dois, você foi sozinha, mas foi tudo.

Às minhas avós, Valnice e Cristina, que já não estão aqui, mas seguem vivas dentro de mim. Em cada passo que dou, sinto o sopro doce de suas presenças. Vocês são a força silenciosa que me guia e a fé que nunca me abandona.

Aos meus amigos Camila, Ana Julya, Nicole Borges, Nicole Sorensen e Dafni, minha profunda gratidão por serem sorriso em dias nublados, coragem em minhas pausas e abraço em forma de gente.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é mais do que uma produção acadêmica; é o retrato de uma caminhada feita com pés cansados, mas com um coração inteiro. É a minha vitória, mas também é de vocês, que fizeram parte desta trajetória. Obrigada por existirem em mim e por tornarem possível cada conquista.

“Os que semeiam com lágrimas colherão com cantos de alegria.”

Salmos 126:5

“A educação inclusiva não é um privilégio, mas um direito fundamental. Reconhecer e respeitar as diferenças é o primeiro passo para construir uma sociedade mais justa e acolhedora.” (MANTOAN, 2003, p. 25).

RESUMO

As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente experienciam diferentes reações a estímulos sensoriais no ambiente escolar, incluindo hiporreatividade, hiper-reatividade ou busca sensorial, que podem causar agitação ou reações agressivas por desconforto. A escola é um local crucial para o desenvolvimento, mas exige adaptações pedagógicas e profissionais capacitados para identificar e intervir nas dificuldades sensoriais e de comunicação. Deste modo, o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar de que forma os aspectos sensoriais impactam o cotidiano escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e identificar estratégias pedagógicas e ambientais que favoreçam sua inclusão efetiva. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, fundamentada em revisão bibliográfica de autores que discutem o TEA, suas particularidades sensoriais e as práticas educacionais inclusivas. Foram selecionados artigos científicos, livros, legislações e documentos oficiais que possibilitaram compreender a importância de adaptações escolares que respeitem as necessidades sensoriais dos alunos com TEA. Os resultados apontam que a hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos como luzes, sons, texturas e odores interfere diretamente na aprendizagem, no comportamento e na socialização, tornando essencial a implementação de recursos e estratégias que reduzam a sobrecarga sensorial. Constatou-se que muitos professores ainda enfrentam dificuldades em atender adequadamente a esses estudantes, seja por ausência de formação específica, escassez de recursos pedagógicos ou falta de apoio institucional, o que reforça a necessidade de investimentos em capacitação docente e políticas inclusivas. As conclusões indicam que uma escola verdadeiramente inclusiva depende da compreensão das diferenças sensoriais como parte do desenvolvimento infantil e da valorização da diversidade, promovendo ambientes que favoreçam o bem-estar, a autonomia e a participação ativa dos alunos com TEA. Além de contribuir para a prática pedagógica, este estudo oferece subsídios para educadores, famílias e gestores escolares, reafirmando o compromisso com uma educação equitativa, sensível e orientada para a valorização das singularidades.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista; Aspectos sensoriais; Inclusão escolar; Estratégias pedagógicas; Educação inclusiva.

ABSTRACT

Children with Autism Spectrum Disorder (ASD) often experience different reactions to sensory stimuli in the school environment, including hyporeactivity, hyperreactivity, or sensory seeking, which can cause negative reactions or reactions due to discomfort. School is a crucial place for development, but it requires pedagogical adaptations and trained professionals to identify and intervene in sensory and communication difficulties. Therefore, this Final Project aims to analyze how sensory aspects impact the daily school life of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) and identify pedagogical and environmental strategies that promote their effective inclusion. The research adopts a qualitative, descriptive, and exploratory approach, based on a literature review of authors who discuss ASD, its sensory particularities, and inclusive educational practices. Scientific articles, books, legislation, and official documents were selected to understand the importance of school adaptations that respect the sensory needs of students with ASD. The results indicate that hypersensitivity or hyposensitivity to stimuli such as lights, sounds, textures, and odors directly interferes with learning, behavior, and socialization, making it essential to implement resources and strategies to reduce sensory overload. It was found that many teachers still face difficulties in adequately serving these students, whether due to a lack of specific training, a shortage of pedagogical resources, or a lack of institutional support, which reinforces the need for investment in teacher training and inclusive policies. The conclusions indicate that a truly inclusive school depends on understanding sensory differences as part of child development and valuing diversity, fostering environments that foster the well-being, autonomy, and active participation of students with ASD. In addition to contributing to pedagogical practice, this study offers insights for educators, families, and school administrators, reaffirming the commitment to an equitable, sensitive education that values uniqueness.

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder; Sensory aspects; School inclusion; Pedagogical strategies; Inclusive education.

SENSORY ASPECTS AND THE DAILY SCHOOL LIVES OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD)

LISTA DE ABREVIATURAS

- AEE** – Atendimento Educacional Especializado
- APA** – American Psychological Association
- BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
- BRASIL** – Ministério da Educação / Governo Federal do Brasil
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- DSM-5** – *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* – 5ª edição
- EJA** – Educação de Jovens e Adultos
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- LBI** – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº13.146/2015).
- MEC** – Ministério da Educação
- OMS** – Organização Mundial da Saúde
- PCN** – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PEI** – Plano Educacional Individualizado
- PPP** – Projeto Político-Pedagógico
- SUS** – Sistema Único de Saúde
- TEA** – Transtorno do Espectro Autista
- TDHA** – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade
- UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

[illegible]

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição de origem neurobiológica que afeta o desenvolvimento infantil, impactando significativamente a comunicação, o comportamento e a interação social. Crianças com TEA apresentam particularidades no processamento sensorial, manifestando hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos como sons, luzes, texturas, odores e movimentos.

“Talvez devido ao aumento no funcionamento das regiões do cérebro envolvidas em funções perceptuais básicas, e a “hipótese de mundo intenso do autismo”, nas quais a patologia do núcleo do cérebro significa um aumento na reatividade e plasticidade dos circuitos neuronais locais que levam a um aumento na percepção, atenção e memória, tornam o mundo aversivamente intenso para a criança com TEA” (POSAR. VISCONTI, 2018, p.03).

Essas respostas sensoriais atípicas podem gerar sobrecarga e provocar comportamentos de fuga, agitação, isolamento ou resistência à realização de determinadas atividades, dificultando a participação ativa no ambiente escolar (APA, 2014; BOSA, 2002). Considerando que o espaço escolar é, por excelência, um ambiente com múltiplos estímulos e interações, compreender como esses aspectos sensoriais interferem no cotidiano escolar das crianças com TEA é essencial para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva.

Nesse cenário, formula-se a seguinte problemática: de que maneira os aspectos sensoriais influenciam o cotidiano escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista e como o ambiente escolar pode ser adaptado para atender às suas necessidades sensoriais específicas, favorecendo sua inclusão efetiva?

Diante dessa questão, o presente estudo tem como objetivo geral analisar como os aspectos sensoriais afetam o cotidiano escolar de crianças com TEA, identificando estratégias que contribuam para a inclusão educacional. Os objetivos específicos são: investigar as principais dificuldades sensoriais enfrentadas por crianças com TEA no contexto escolar; compreender as percepções de professores e demais profissionais da educação sobre tais dificuldades; mapear práticas pedagógicas e adaptações ambientais que minimizem os efeitos da sobrecarga sensorial; e sugerir estratégias inclusivas que favoreçam o bem-estar, a aprendizagem e a participação ativa dessas crianças nas atividades escolares.

A escolha desse tema justifica-se pela crescente presença de alunos com TEA nas escolas regulares, impulsionada por políticas públicas que defendem a inclusão, como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008). Contudo, embora o direito à inclusão esteja garantido legalmente, na prática ainda há desafios significativos para adaptar os espaços escolares às especificidades sensoriais desses estudantes. Muitos professores não se sentem preparados para lidar com essas demandas, seja por falta de formação, recursos ou apoio institucional (SILVA; SCHMIDT, 2019). Nesse sentido, compreender o impacto dos estímulos sensoriais no processo de escolarização das crianças com TEA é fundamental para orientar práticas pedagógicas mais eficazes e humanas.

A relevância do tema reside no fato de que os aspectos sensoriais são frequentemente negligenciados nos debates sobre inclusão escolar, embora desempenhem papel central na adaptação do aluno ao ambiente educativo. A literatura mostra que intervenções adequadas às necessidades sensoriais melhoram a participação, o comportamento e o rendimento acadêmico das crianças com TEA (DUNN, 2001; BARROS et al., 2021).

Além disso, investir em uma educação que considere a diversidade sensorial é também promover a equidade, a empatia e o respeito às diferenças, contribuindo para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva. Assim, este trabalho busca não apenas refletir sobre os desafios, mas também oferecer subsídios teóricos e práticos para que educadores, famílias e instituições possam atuar de forma mais assertiva e sensível no acolhimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Com base nos objetivos específicos delineados, este trabalho está estruturado em capítulos que buscam aprofundar a temática sob diferentes perspectivas. O primeiro capítulo apresenta uma fundamentação teórica sobre o Transtorno do Espectro Autista, com ênfase nas características sensoriais que afetam o comportamento e a aprendizagem das crianças diagnosticadas com TEA.

Em seguida, o segundo capítulo explora os desafios enfrentados por esses alunos no cotidiano escolar, focalizando as dificuldades sensoriais e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. O terceiro capítulo trata da percepção e do preparo dos profissionais da educação diante das necessidades desses estudantes, destacando a importância da formação docente e das práticas pedagógicas inclusivas. O quarto capítulo é dedicado à análise de estratégias e adaptações do ambiente

escolar que podem minimizar os impactos da sobrecarga sensorial e favorecer a participação ativa das crianças com TEA nas atividades. Por fim, o último capítulo apresenta sugestões de práticas e intervenções inclusivas, baseadas na literatura e na realidade escolar observada, que visam promover um ambiente mais acolhedor, equitativo e favorável ao desenvolvimento integral desses alunos.

2. FUNDAMENTOS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUAS CARACTERÍSTICAS SENSORIAIS

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que se manifesta, em geral, nos primeiros anos de vida, caracterizado por déficits na comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2014). A definição “espectro” reflete a ampla variação na intensidade e combinação dos sintomas apresentados, abrangendo desde casos leves até quadros mais graves, com comprometimentos significativos.

De acordo com a literatura, o TEA possui uma etiologia multifatorial, envolvendo fatores genéticos, neurobiológicos e ambientais que influenciam o desenvolvimento cerebral (Lai et al., 2014). Estudos neuroanatômicos e neurofuncionais indicam alterações em diversas regiões do cérebro, como o córtex pré-frontal, amígdala e cerebelo, que estão associadas aos aspectos comportamentais e sensoriais do transtorno (Ecker et al., 2013).

Entre as manifestações centrais do TEA, destaca-se a dificuldade na interação social, que inclui problemas na reciprocidade social, dificuldades em manter diálogos e interpretar sinais sociais não verbais, como expressões faciais e gestos (Baron-Cohen et al., 2009). Essas características impactam diretamente a vida escolar, pois a criança encontra barreiras para se relacionar com colegas e professores. Além das questões sociais e comunicativas, as crianças com TEA frequentemente apresentam padrões sensoriais atípicos, que podem incluir hipersensibilidade (resposta exacerbada) ou hipossensibilidade (resposta diminuída) a estímulos auditivos, visuais, táteis, gustativos e olfativos (Tomchek & Dunn, 2007). Essas respostas sensoriais diferenciadas influenciam o comportamento, a atenção e a aprendizagem.

A literatura aponta que cerca de 90% das crianças com TEA apresentam alguma forma de disfunção sensorial, tornando esse um aspecto crucial para a compreensão do transtorno (Leekam et al., 2007). A forma como essas crianças processam estímulos pode gerar reações de estresse, ansiedade e dificuldades de autorregulação emocional.

Segundo a teoria da “hiper-reatividade sensorial”, crianças com TEA experienciam o ambiente como aversivamente intenso, devido à maior ativação das regiões cerebrais responsáveis pela percepção sensorial (Marco et al., 2011). Isso faz com que estímulos comuns, como barulhos de sala de aula, luzes fluorescentes ou

texturas de materiais, sejam percebidos de forma desconfortável. Por outro lado, alguns indivíduos apresentam hipossensibilidade, demonstrando busca por estímulos sensoriais intensos ou incomuns, como girar objetos, balançar-se ou emitir sons repetitivos (Schaaf et al., 2011). Essas manifestações podem ser interpretadas equivocadamente como comportamentos desafiadores, quando, na verdade, funcionam como estratégias de autorregulação.

A compreensão das características sensoriais no TEA é apoiada pela “teoria da integração sensorial”, que propõe que dificuldades na recepção, organização e interpretação dos estímulos sensoriais prejudicam a interação da criança com o meio (Ayres, 2005). A disfunção na integração sensorial pode levar a uma percepção distorcida do ambiente, afetando o aprendizado e a adaptação social.

Na escola, essas particularidades sensoriais se refletem em desafios práticos. Por exemplo, a hipersensibilidade auditiva pode tornar impossível para a criança permanecer em uma sala barulhenta, enquanto a hipossensibilidade tátil pode dificultar o uso de materiais didáticos convencionais (Baranek et al., 2006). Isso ressalta a importância de compreender e adaptar o ambiente escolar.

Estudos neurocientíficos indicam que, no TEA, há uma alteração no equilíbrio entre os processos excitadores e inibidores no cérebro, o que influencia diretamente o processamento sensorial (Rubenstein & Merzenich, 2003). Esse desequilíbrio contribui para a maior reatividade a estímulos sensoriais, corroborando as hipóteses da intensidade aumentada das experiências sensoriais. Além disso, o processamento sensorial atípico está associado a dificuldades no desenvolvimento da atenção e do controle executivo, que são essenciais para a aprendizagem e o comportamento adaptativo na escola (Dawson et al., 2012). Dessa forma, as crianças podem apresentar distração, hiperatividade ou isolamento em função das suas experiências sensoriais.

A relação entre sensibilidade sensorial e comportamento adaptativo é complexa e multifacetada. Enquanto a hipersensibilidade pode levar a comportamentos de fuga ou agressividade, a hipossensibilidade pode resultar em busca constante por estímulos, interferindo na concentração e na participação nas atividades escolares (Ben-Sasson et al., 2009). Para compreender o impacto dos aspectos sensoriais no cotidiano escolar, é importante considerar o papel da autorregulação sensorial, isto é, a capacidade da criança de modular suas respostas aos estímulos do ambiente (Miller

et al., 2007). Crianças com TEA frequentemente apresentam dificuldades nessa autorregulação, o que requer estratégias específicas de intervenção.

A avaliação das características sensoriais pode ser realizada por meio de instrumentos padronizados, como o Perfil Sensorial Infantil (Dunn, 1999), que ajudam a identificar as áreas de maior dificuldade e a orientar intervenções direcionadas. A atuação multidisciplinar, envolvendo educadores, terapeutas ocupacionais, psicólogos e familiares, é fundamental para o desenvolvimento de estratégias que considerem as necessidades sensoriais individuais da criança (Case-Smith & Arbesman, 2008).

No campo pedagógico, a adaptação do currículo e do ambiente escolar, por meio de mudanças na iluminação, controle de ruídos, uso de materiais táteis adequados e criação de espaços de descanso sensorial, pode favorecer a inclusão e o aprendizado (Ashburner et al., 2014). Por isso, o reconhecimento das características sensoriais no TEA também contribui para a redução do estigma e o aumento da empatia por parte dos colegas e educadores, promovendo um ambiente mais acolhedor e respeitoso (Humphrey & Lewis, 2008).

Contudo, ainda existem desafios no sistema educacional para implementar tais adaptações, principalmente devido à falta de formação específica dos profissionais da educação e à escassez de recursos materiais e humanos (Roberts & Simpson, 2016). A pesquisa sobre características sensoriais no TEA continua evoluindo, com avanços nas áreas da neurociência, psicologia e educação, o que possibilita a criação de abordagens mais eficazes e individualizadas (Baranek et al., 2013). Assim, o entendimento aprofundado dos fundamentos do TEA e das características sensoriais associadas é essencial para orientar práticas pedagógicas inclusivas que atendam às necessidades específicas dessas crianças, promovendo seu desenvolvimento integral e sua participação plena no contexto escolar.

2.1 Desafios Sensoriais no Cotidiano Escolar de Crianças com TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por comprometimentos na comunicação, na interação social e por padrões repetitivos e restritos de comportamento. Dentro dessa ampla gama de características, os desafios sensoriais se apresentam como aspectos significativos que impactam diretamente a vivência escolar das crianças com TEA.

As alterações no processamento sensorial são comuns entre indivíduos com autismo e podem ocorrer em diversos sentidos, como visão, audição, tato, paladar, olfato, além dos sistemas vestibular e proprioceptivo. Essas alterações podem se manifestar tanto como hipersensibilidade (resposta exagerada a estímulos) quanto como hipossensibilidade (resposta diminuída), resultando em comportamentos que muitas vezes são mal interpretados por educadores e colegas.

No contexto escolar, as crianças com TEA frequentemente se deparam com estímulos sensoriais intensos e imprevisíveis. Salas de aula barulhentas, luzes fluorescentes, cheiros variados e o contato físico constante podem desencadear reações de desconforto, estresse ou até crises comportamentais. Como aponta Ayres (2005), “a disfunção na integração sensorial pode interferir em todas as áreas do desenvolvimento, incluindo as habilidades sociais e cognitivas” (p. 58).

Esses desafios sensoriais impactam não apenas o bem-estar da criança, mas também sua capacidade de se concentrar, aprender e interagir com o meio. Uma criança que não tolera o barulho pode se isolar ou se recusar a participar de atividades em grupo, por exemplo. Em muitos casos, essas reações são interpretadas como birra ou desobediência, quando, na verdade, representam tentativas de autorregulação diante da sobrecarga sensorial.

Segundo Silva (2017), é essencial que os profissionais da educação compreendam que “muitas vezes, a criança com TEA não está sendo desobediente, mas apenas tentando lidar com uma sobrecarga sensorial” (p. 91). A falta de preparo e sensibilidade para interpretar esses sinais pode levar a punições inadequadas ou ao reforço de comportamentos de exclusão. Além disso, as dificuldades sensoriais podem interferir diretamente na rotina pedagógica. O simples ato de sentar-se por longos períodos, manipular materiais escolares com diferentes texturas ou tolerar mudanças inesperadas na rotina pode ser extremamente desafiador para essas crianças. Ortega e Colvero (2015) alertam que “a escola precisa identificar os fatores ambientais que estão contribuindo para o desconforto da criança, a fim de promover ajustes que favoreçam sua permanência e aprendizagem” (p. 44).

Estratégias pedagógicas adaptadas e um ambiente sensorialmente acolhedor são essenciais para garantir a participação efetiva de alunos com TEA no cotidiano escolar. A criação de “cantinhos sensoriais”, o uso de fones abafadores de som, iluminação adequada e a previsibilidade das atividades são exemplos de práticas que contribuem para um ambiente mais acessível.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância de considerar as diferenças e singularidades dos estudantes na promoção da aprendizagem. Embora não trate diretamente da questão sensorial, sua diretriz inclusiva incentiva a construção de práticas pedagógicas flexíveis e acolhedoras, alinhadas às necessidades específicas de cada aluno (BRASIL, 2017).

O acolhimento das necessidades sensoriais não se restringe à adaptação do espaço físico, mas também requer o engajamento emocional e pedagógico dos profissionais da escola. Os professores devem estar preparados para reconhecer os sinais de sobrecarga sensorial e atuar de maneira preventiva, promovendo um ambiente seguro e respeitoso.

Silva et al., (2024), relata que a interdisciplinaridade é uma abordagem fundamental no trabalho com crianças com TEA. Terapeutas ocupacionais, psicólogos, professores, gestores e famílias devem atuar em conjunto para identificar os estímulos que provocam disfunções e planejar intervenções adequadas. Essa parceria fortalece o processo inclusivo e favorece a autonomia da criança.

Schmidt et al. (2020) reforçam que “é imprescindível investir na capacitação docente para o reconhecimento dos desafios sensoriais e na construção de ambientes escolares mais acessíveis” (p. 113). O desconhecimento dessas demandas pode levar à exclusão silenciosa, onde o aluno está presente fisicamente, mas distante dos processos reais de aprendizagem. Outro ponto importante refere-se ao respeito ao tempo e ritmo da criança com TEA. A adaptação sensorial não ocorre de forma imediata e exige paciência, constância e sensibilidade por parte dos educadores. Em vez de forçar a criança a se adaptar ao ambiente padrão, é necessário flexibilizar o ambiente para acomodar suas particularidades.

A literatura aponta que a estimulação sensorial planejada, realizada por profissionais habilitados como terapeutas ocupacionais, pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais. Contudo, no ambiente escolar, essa estimulação deve ser complementar ao trabalho pedagógico, e não substituí-lo. De acordo com Barros (2021), a construção de um currículo inclusivo, que contemple a diversidade sensorial dos alunos, é uma meta que demanda esforço coletivo. A inclusão só será plena quando a escola deixar de esperar que o aluno “se encaixe” e passar a se transformar para acolhê-lo em sua totalidade. Por isso, a convivência entre alunos com e sem deficiência também desempenha um papel importante na sensibilização da comunidade escolar. Quando bem mediada, essa

convivência promove empatia, respeito às diferenças e fortalecimento de vínculos, combatendo o preconceito e a exclusão.

A legislação brasileira, especialmente a Lei nº 13.146/2015 – Estatuto da Pessoa com Deficiência, reforça o direito de todas as pessoas à educação em igualdade de condições, o que inclui a eliminação de barreiras atitudinais, pedagógicas e sensoriais. Assim, os desafios sensoriais enfrentados por crianças com TEA devem ser compreendidos como parte das barreiras a serem superadas.

A implementação de práticas pedagógicas inclusivas requer o comprometimento da gestão escolar. Cabe à equipe gestora promover formações, revisar práticas institucionais e garantir os recursos necessários para a adaptação dos espaços e materiais didáticos. Além disso, é importante ouvir as próprias crianças com TEA, sempre que possível, para entender suas percepções e preferências. A escuta sensível deve fazer parte do processo educativo, reconhecendo as crianças como sujeitos ativos em sua jornada de aprendizagem.

Deste modo, ao enfrentar os desafios sensoriais no cotidiano escolar exige uma mudança de paradigma: sair de uma lógica de padronização e controle e caminhar para uma educação mais humanizada, flexível e empática. Trata-se de reconhecer que cada criança sente e reage ao mundo de forma única, e que essa diversidade é uma riqueza para a escola.

3. PERCEPÇÕES E PREPARAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA

A inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa um desafio significativo para os sistemas educacionais contemporâneos, exigindo não apenas mudanças estruturais e legais, mas também profundas transformações nas práticas pedagógicas e nas concepções dos profissionais da educação. A efetiva inclusão desses alunos requer um olhar sensível, técnico e humanizado por parte dos docentes, além de um preparo adequado que envolva conhecimento sobre o espectro autista, estratégias de ensino diferenciadas e atitudes inclusivas. No entanto, pesquisas apontam que muitos professores ainda se sentem despreparados para lidar com as especificidades do TEA, o que pode comprometer a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.

Historicamente, o modelo de educação brasileira foi excludente, sustentado por uma lógica de homogeneização que dificultava a valorização das diferenças. A partir da promulgação de legislações como a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) e, mais recentemente, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), houve um avanço normativo importante na garantia do direito à educação inclusiva. Todavia, a prática educativa ainda carece de um preparo efetivo dos profissionais para a diversidade presente em sala de aula, especialmente quando se trata de estudantes com TEA. Segundo Mantoan (2006), a inclusão exige não apenas a presença física do aluno na escola regular, mas a efetiva participação e aprendizagem, o que demanda a reformulação do papel docente e das práticas pedagógicas.

A percepção dos professores sobre os alunos com TEA é um fator determinante na implementação de práticas inclusivas. Quando os docentes compreendem o transtorno e acreditam na capacidade de aprendizagem desses alunos, é mais provável que busquem estratégias para envolvê-los no processo educativo. Contudo, estudos indicam que muitos educadores ainda veem o autismo como um impedimento à aprendizagem, reproduzindo estereótipos que dificultam a inclusão. De acordo com Oliveira e Bosa (2014), é comum que professores associem o TEA a comportamentos imprevisíveis, isolamento social e limitações cognitivas severas, o que pode resultar em baixas expectativas em relação ao desempenho escolar desses estudantes.

Além das percepções, a formação inicial e continuada dos profissionais da educação é apontada como uma das maiores fragilidades no que se refere à inclusão de alunos com TEA. A maioria dos cursos de licenciatura ainda não contempla, de maneira aprofundada, conteúdos relacionados à educação inclusiva, muito menos temas específicos como neurodesenvolvimento, transtornos globais do desenvolvimento ou estratégias de ensino para alunos com autismo. Para Freitas (2018), é fundamental que a formação docente seja contínua, crítica e voltada para a prática, possibilitando ao professor refletir sobre sua atuação e ressignificar suas concepções de ensino frente à diversidade.

Outro ponto relevante refere-se à ausência de políticas institucionais que garantam apoio técnico e pedagógico ao professor no cotidiano escolar. Em muitas escolas, os docentes enfrentam a inclusão de alunos com TEA sem qualquer orientação ou suporte especializado, o que contribui para o sentimento de impotência e frustração. A presença de profissionais como o professor do Atendimento

Educacional Especializado (AEE), o psicopedagogo e o terapeuta ocupacional pode favorecer significativamente a adaptação escolar do aluno e o planejamento de estratégias pedagógicas adequadas. Schmidt et al. (2020) destacam que o trabalho colaborativo entre professores da sala comum e profissionais de apoio é essencial para promover uma inclusão mais efetiva, pautada na corresponsabilidade e na interdisciplinaridade.

A inclusão de alunos com TEA demanda também uma reorganização do ambiente escolar em sua totalidade, indo além da sala de aula. A gestão escolar precisa atuar como agente facilitador do processo inclusivo, promovendo formação continuada, reuniões pedagógicas com foco na inclusão, aquisição de recursos didáticos acessíveis e fortalecimento da cultura escolar voltada à valorização das diferenças. Nesse sentido, é imprescindível que as políticas inclusivas deixem de ser apenas diretrizes legais e se transformem em ações concretas no cotidiano escolar.

Do ponto de vista pedagógico, é necessário que os professores desenvolvam competências para identificar as necessidades específicas dos alunos com TEA, elaborar intervenções individualizadas e flexibilizar o currículo sem comprometer a qualidade da aprendizagem. Isso envolve, por exemplo, o uso de recursos visuais, a organização de rotinas estruturadas, a delimitação clara de espaços e tempos, bem como a adoção de metodologias ativas que respeitem o estilo de aprendizagem desses estudantes. Temple Grandin (2010), ao relatar sua vivência como pessoa com autismo, enfatiza que “as crianças com autismo têm diferentes formas de pensar e aprender; entender isso é o primeiro passo para ensinar melhor” (p. 103), ressaltando a importância do professor reconhecer as particularidades cognitivas de cada aluno.

A resistência à inclusão, por vezes observada entre alguns docentes, muitas vezes está relacionada não a um posicionamento ideológico contrário à diversidade, mas à insegurança frente à ausência de preparo técnico e à sobrecarga de trabalho. Assim, é essencial que a formação docente também promova o fortalecimento emocional dos professores, auxiliando-os a lidar com os desafios da prática educativa inclusiva e a encontrar sentido em sua atuação.

É importante ressaltar que a educação inclusiva é uma construção coletiva. A responsabilidade pela inclusão de alunos com TEA não deve recair exclusivamente sobre o professor da sala comum, mas ser compartilhada por toda a comunidade escolar, incluindo gestores, profissionais de apoio, familiares e os próprios colegas de classe. A construção de uma escola verdadeiramente inclusiva passa, portanto, pela

transformação da cultura institucional, que deve valorizar o respeito às diferenças e a convivência solidária.

Deste modo, é preciso compreender que a inclusão de alunos com TEA é um processo contínuo, que exige tempo, reflexão, formação e compromisso. Os desafios são muitos, mas os avanços também são possíveis quando há investimento em políticas educacionais de qualidade, apoio aos professores e valorização da diversidade como princípio pedagógico. Garantir o direito à educação de qualidade para todos, independentemente de suas condições neurológicas, é um compromisso ético e constitucional que deve orientar a prática dos profissionais da educação.

3.1 Estratégias e Adaptações Ambientais para Atender às Necessidades Sensoriais no Espaço Escolar

A presença de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas comuns demanda que o ambiente educacional seja repensado para atender às suas necessidades específicas, especialmente no que diz respeito à organização sensorial do espaço. O processamento atípico de estímulos sensoriais, comum entre indivíduos com TEA, pode provocar respostas intensas ou ausentes a sons, luzes, texturas, cheiros e movimentos, dificultando a permanência e a aprendizagem dessas crianças no contexto escolar. Nesse sentido, estratégias pedagógicas aliadas a adaptações ambientais tornam-se essenciais para garantir uma experiência escolar segura, acolhedora e produtiva.

De acordo com Ayres (2005), criadora da Teoria da Integração Sensorial, “a organização das informações sensoriais é fundamental para a realização de tarefas escolares e de atividades sociais. Quando essa organização é prejudicada, o indivíduo apresenta dificuldades de adaptação e comportamento” (p. 49). Assim, o espaço escolar precisa ser planejado de modo a minimizar os estímulos aversivos e favorecer a autorregulação dos alunos com TEA, sem que isso represente segregação ou exclusão.

Muitas escolas, no entanto, ainda mantêm estruturas físicas e rotinas inflexíveis, que não consideram as barreiras sensoriais enfrentadas por esses estudantes. Salas muito iluminadas com luz fluorescente, ruídos constantes, mobiliários desconfortáveis e excesso de estímulos visuais são alguns dos fatores que podem provocar sobrecarga sensorial. Segundo Silva (2017), “crianças com autismo

frequentemente reagem de maneira intensa a estímulos que, para outros, são neutros ou irrelevantes. Por isso, adaptar o ambiente é um gesto de empatia e uma exigência pedagógica” (p. 78).

Diante desse cenário, diferentes estratégias têm sido propostas para tornar os espaços escolares mais sensorialmente acessíveis. Uma das mais recomendadas é a criação de espaços de autorregulação, também conhecidos como "cantinhos sensoriais", onde a criança pode, por tempo determinado, retirar-se da sala principal para reorganizar suas emoções. Esses locais são equipados com materiais calmantes, como almofadas, brinquedos táteis, fones abafadores de som e objetos de compressão. Ortega e Colvero (2015) defendem que “a disponibilização de espaços específicos para a regulação sensorial reduz as ocorrências de crises e melhora a interação da criança com o ambiente e com os colegas” (p. 42).

Além desses espaços, as estratégias visuais têm se mostrado eficazes no apoio à organização e previsibilidade do ambiente. O uso de quadros de rotina, sinalização visual de ambientes, pistas visuais nas carteiras e cronogramas ajudam a reduzir a ansiedade causada por mudanças inesperadas. Grandin (2010), em seus relatos autobiográficos, destaca que “a previsibilidade visual do ambiente escolar me dava segurança e ajudava a organizar meus pensamentos. Um ambiente bem sinalizado é, para muitos autistas, um convite à participação” (p. 107).

Outras adaptações envolvem a regulação da acústica das salas, como a utilização de cortinas, tapetes ou placas acústicas para diminuir ruídos; a substituição de lâmpadas fluorescentes por iluminação mais amena; e a organização dos objetos em ambientes menos sobrecarregados visualmente. Essas medidas, apesar de simples, fazem grande diferença na permanência do aluno com TEA na sala de aula. Para Schmidt et al. (2020), “as intervenções ambientais são tão importantes quanto as pedagógicas. Muitas vezes, modificar a disposição da sala é o primeiro passo para que o aluno consiga aprender” (p. 110).

Contudo, a implementação dessas estratégias requer que os profissionais da escola sejam capacitados para identificar os sinais de sobrecarga sensorial e saber como reagir adequadamente. Formações continuadas, assessoramento de terapeutas ocupacionais e o diálogo com a família são ações indispensáveis para que os ajustes sejam coerentes com o perfil da criança. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça o princípio da equidade, o que implica reconhecer e atender

às necessidades específicas dos estudantes por meio de práticas pedagógicas inclusivas (BRASIL, 2017).

É fundamental também que as adaptações sensoriais sejam incorporadas ao planejamento coletivo da escola, evitando que recaia sobre um único professor a responsabilidade de incluir. Ações intersetoriais, envolvendo gestão, equipe pedagógica, serviços de saúde e familiares, promovem maior eficácia nas estratégias adotadas. Como afirma Carvalho (2012), “a construção de uma escola inclusiva depende de uma rede de apoio comprometida, que compreenda as singularidades dos alunos e atue de forma articulada” (p. 92).

Não se trata de criar escolas exclusivas para crianças com autismo, mas de transformar o espaço comum em um ambiente sensorialmente flexível, no qual todos os estudantes possam aprender com dignidade. As adaptações devem ser feitas sem estigmatizar o aluno, garantindo que ele se sinta parte do grupo, com recursos que favoreçam sua autonomia e participação. Ademais, é importante considerar que **as** estratégias não devem ser padronizadas, pois o perfil sensorial varia muito entre crianças com TEA. Algumas são hiper sensíveis à luz, enquanto outras buscam estímulos visuais; algumas se incomodam com toques leves, enquanto outras necessitam de pressão profunda para se acalmar. Por isso, a observação cuidadosa e o uso de instrumentos de avaliação sensorial são recomendados para orientar intervenções específicas.

Portanto, a efetivação da inclusão de alunos com TEA passa, inevitavelmente, pela adequação do espaço físico e pela criação de estratégias sensoriais eficazes. Trata-se de um compromisso ético e pedagógico com o direito de todos à educação de qualidade, garantindo que o ambiente escolar não seja um fator de exclusão, mas sim de acolhimento, segurança e desenvolvimento pleno.

4. PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO E PRÁTICAS INCLUSIVAS PARA O ATENDIMENTO A CRIANÇAS COM TEA NO CONTEXTO ESCOLAR

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar requer um conjunto articulado de ações que envolvam adaptações no espaço físico, práticas pedagógicas diferenciadas, apoio emocional e a colaboração entre todos os agentes envolvidos no processo educativo. Essas medidas são fundamentais para garantir não apenas o acesso, mas também a permanência e a aprendizagem

efetiva desses estudantes. Como enfatiza Mantoan (2006), a inclusão não se resume a inserir o aluno com deficiência em uma sala regular, mas em transformar a escola para que ela atenda às necessidades de todos os seus estudantes.

Nesse sentido, a adaptação do ambiente escolar deve ser cuidadosamente planejada. Crianças com TEA frequentemente apresentam hipersensibilidade a estímulos sensoriais, como luzes fortes, sons altos ou texturas específicas, o que pode dificultar sua permanência e concentração no ambiente escolar. De acordo com Silva et al. (2020), “ambientes escolares sensorialmente sobrecarregados podem causar crises de ansiedade e desorganização comportamental em alunos com TEA, dificultando sua participação nas atividades pedagógicas”. Assim, é essencial a criação de espaços com estímulos sensoriais reduzidos, com iluminação suave, sons controlados e áreas de escape para momentos de sobrecarga.

As práticas pedagógicas devem ser adaptadas às necessidades específicas de cada aluno, considerando o seu perfil cognitivo, emocional e comunicativo. O uso de recursos visuais, como imagens, pictogramas e cronogramas ilustrados, é uma estratégia amplamente recomendada para facilitar a compreensão das rotinas escolares e das tarefas a serem realizadas. Segundo Baron-Cohen et al. (2009), “o suporte visual oferece previsibilidade e organização, aspectos cruciais para a segurança e autonomia da criança com autismo”.

Além disso, o planejamento de atividades deve considerar o princípio da individualização. Cada criança com TEA apresenta um conjunto único de características, e as intervenções devem ser ajustadas de acordo com suas particularidades. Como apontam Oliveira e Campos (2021), “a prática pedagógica centrada no aluno exige flexibilidade do educador, que deve estar preparado para adaptar conteúdos, métodos e formas de avaliação conforme as capacidades e limitações do estudante”.

Outro ponto importante é a promoção da interação social por meio de atividades lúdicas e colaborativas. Crianças com TEA podem apresentar dificuldades de socialização, e o ambiente escolar deve estimular experiências positivas nesse sentido. Para Schmidt et al. (2019), “as interações sociais mediadas por brincadeiras estruturadas ou monitorias entre pares favorecem o desenvolvimento das habilidades comunicativas e sociais dos alunos com autismo”.

A comunicação com as famílias desempenha papel central nesse processo. O estabelecimento de um diálogo contínuo entre escola e família permite a troca de

informações essenciais sobre o desenvolvimento da criança, suas dificuldades, avanços e necessidades específicas. De acordo com Maia e Souza (2018), “a parceria entre família e escola é um dos pilares para o sucesso da inclusão escolar, pois garante a continuidade do trabalho educativo entre os diferentes contextos vivenciados pela criança”.

Outro aspecto essencial refere-se à formação e sensibilização dos profissionais da educação. Professores, auxiliares e demais membros da equipe escolar precisam ser capacitados para reconhecer as características do autismo e aplicar estratégias inclusivas em sala de aula. Conforme relata Amaral (2015), “a formação continuada dos docentes é fundamental para desconstruir preconceitos e ampliar as possibilidades de atuação com alunos com necessidades educacionais específicas”.

Intervenções mais especializadas também podem ser incorporadas ao contexto escolar, como o uso do Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS), que facilita a expressão de desejos e necessidades por parte de crianças não verbais. O PECS é uma alternativa comunicativa eficaz e amplamente recomendada por especialistas em educação inclusiva. Como afirmam Lopes e Ferreira (2020), “o uso de sistemas alternativos de comunicação contribui significativamente para a autonomia da criança com TEA e para sua integração nas atividades escolares”.

A criação de momentos que estimulem a expressão de sentimentos e emoções também é fundamental. Muitas crianças com autismo apresentam dificuldades em nomear e compreender seus próprios estados emocionais. Através de jogos, histórias e atividades artísticas, é possível favorecer o desenvolvimento da consciência emocional e do autocontrole. De acordo com Del Prette e Del Prette (2017), “a educação das emoções é um componente importante da socialização e deve estar presente nas propostas pedagógicas voltadas para a inclusão”.

Desta forma, é imprescindível promover a autonomia da criança com TEA. Isso significa estimulá-la a realizar tarefas escolares e de autocuidado de forma independente, respeitando seu tempo e suas possibilidades. Como destaca Vygotsky (1998), o desenvolvimento ocorre por meio da mediação e da interação com o outro, sendo o papel do educador o de apoiar a criança até que ela seja capaz de agir por si mesma.

As intervenções devem, portanto, considerar as necessidades individuais, mas também buscar promover o senso de pertencimento e participação. A inclusão efetiva vai além das adaptações estruturais ou metodológicas, envolvendo uma mudança de

cultura escolar. Como defende Mittler (2003), “a verdadeira inclusão é aquela que valoriza a diversidade como fonte de aprendizado e crescimento para todos os membros da comunidade escolar”.

Deste, a implementação de práticas inclusivas e propostas de intervenção no contexto escolar para alunos com TEA deve abranger diversos eixos: adaptação do ambiente físico, individualização das estratégias pedagógicas, comunicação eficiente com as famílias, capacitação dos profissionais e valorização das interações sociais e emocionais. Essas ações, quando realizadas de forma articulada, contribuem para o desenvolvimento global da criança com TEA e para a construção de uma escola mais justa, empática e democrática.

A inclusão, portanto, não beneficia apenas os alunos com autismo, mas também amplia a compreensão e o respeito à diversidade por parte de toda a comunidade escolar. Como sintetiza Fernandes (2012), “a escola inclusiva é um espaço de aprendizagem para todos, onde as diferenças são vistas como potencialidades e não como obstáculos”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que os desafios sensoriais enfrentados por crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar são fatores determinantes para sua participação, aprendizagem e bem-estar. As características do TEA, como hipersensibilidade ou hipossensibilidade a estímulos sensoriais, influenciam diretamente a maneira como a criança interage com o ambiente escolar e com seus pares, tornando essencial a compreensão por parte dos profissionais da educação.

Observou-se que a falta de preparo docente e a ausência de estratégias adaptativas podem resultar em interpretações equivocadas de comportamentos, muitas vezes vistas como desobediência ou resistência, quando, na realidade, refletem tentativas de autorregulação diante da sobrecarga sensorial. Portanto, a formação continuada dos educadores, aliada ao suporte de equipes multidisciplinares, se mostra fundamental para a promoção de práticas pedagógicas inclusivas.

As adaptações ambientais, como a criação de cantinhos sensoriais, o controle da iluminação e do ruído, e o uso de recursos visuais, demonstraram ser medidas eficazes para favorecer a participação das crianças com TEA. Essas intervenções, quando articuladas com metodologias pedagógicas flexíveis e centradas no aluno, contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional desses estudantes. Além disso, a colaboração entre escola, família e profissionais especializados é um elemento crucial para identificar necessidades individuais e planejar estratégias de inclusão consistentes. A escuta sensível e o envolvimento ativo das crianças no processo educativo reforçam o respeito à diversidade e à singularidade de cada aluno.

Deste modo, a efetiva inclusão escolar de crianças com TEA requer uma mudança de paradigma, no qual a escola não espera que o aluno se adapte a um modelo rígido, mas se transforma para acolher suas particularidades. Dessa forma, a inclusão se torna não apenas um direito legal, mas uma prática pedagógica humanizada, que valoriza a diversidade, promove a autonomia do aluno e fortalece uma cultura escolar pautada no respeito, na empatia e na justiça educacional.

REFERÊNCIAS

- APA – American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ASHBURNER, J. et al. Sensory processing and classroom emotional, behavioral, and educational outcomes in children with autism spectrum disorder. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 68, n. 4, p. 450–458, 2014.
- AYRES, A. J. **Integração Sensorial e a Criança**. São Paulo: Memnon, 2005.
- BARANEK, G. T. et al. Advancing the understanding of sensory features in autism spectrum disorders. **Journal of Pediatric Neuropsychology**, v. 1, n. 2, p. 101–114, 2013.
- BARANEK, G. T. et al. Sensory experiences questionnaire: discriminating sensory features in young children with autism, developmental delays, and typical development. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 47, n. 6, p. 591–601, 2006.
- BARON-COHEN, S. et al. The “Reading the Mind in the Eyes” Test revised version: a study with normal adults, and adults with Asperger syndrome or high-functioning autism. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 42, n. 2, p. 241–251, 2009.
- BARROS, C. F. et al. Adaptações sensoriais no ambiente escolar para alunos com TEA: uma revisão integrativa. **Revista Educação Especial**, v. 34, 2021.
- BEN-SASSON, A. et al. A meta-analysis of sensory modulation symptoms in individuals with autism spectrum disorders. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 39, n. 1, p. 1–11, 2009.
- BOSA, C. A. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União, Brasília, 7 jul. 2015.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC/SEESP, 2008.
- CARVALHO, R. E. **Inclusão: a educação do século XXI**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CASE-SMITH, J.; ARBESMAN, M. Evidence-based review of interventions for autism used in or of relevance to occupational therapy. ***American Journal of Occupational Therapy***, v. 62, n. 4, p. 416–429, 2008.

DAWSON, G. et al. Early behavioral intervention is associated with normalized brain activity in young children with autism. ***Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry***, v. 51, n. 11, p. 1150–1159, 2012.

DUNN, W. **The sensory profile: User's manual**. San Antonio, TX: Psychological Corporation, 1999.

DUNN, W. **The Sensory Profile: User's Manual**. San Antonio: Psychological Corporation, 2001.

ECKER, C. et al. Brain anatomy and its relationship to behavior in adults with autism spectrum disorder: a multicenter magnetic resonance imaging study. ***Archives of General Psychiatry***, v. 70, n. 2, p. 119–129, 2013.

FREITAS, M. T. A. de. **Formação continuada de professores para a inclusão: desafios e possibilidades**. São Paulo: Cortez, 2018.

GRANDIN, T. **O cérebro autista: pensar através do espectro**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2010.

HUMPHREY, N.; LEWIS, S. 'Make me normal': the views and experiences of pupils on the autistic spectrum in mainstream secondary schools. ***Autism***, v. 12, n. 1, p. 23–46, 2008.

LAI, M.-C. et al. **Autism**. *The Lancet*, v. 383, n. 9920, p. 896–910, 2014.

LEEKAM, S. R. et al. Describing the sensory abnormalities of children and adults with autism. ***Journal of Autism and Developmental Disorders***, v. 37, n. 5, p. 894–910, 2007.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MARCO, E. J. et al. Sensory processing in autism: a review of neurophysiologic findings. ***Pediatric Research***, v. 69, n. 5 Pt 2, p. 48R–54R, 2011.

MILLER, L. J. et al. Concept evolution in sensory integration: a proposed nosology for diagnosis. ***American Journal of Occupational Therapy***, v. 61, n. 2, p. 135–140, 2007.

OLIVEIRA, R. M.; BOSA, C. A. **Autismo e inclusão escolar: desafios e possibilidades na formação docente**. *Psicologia da Educação*, n. 39, p. 99-111, 2014.

ORTEGA, F.; COLVERO, L. A. *Educação inclusiva e os desafios sensoriais do autismo*. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 12, n. 25, p. 39-48, 2015.

ROBERTS, J.; SIMPSON, K. A review of research into stakeholder perspectives on inclusion of students with autism in mainstream schools. **International Journal of Inclusive Education**, v. 20, n. 10, p. 1084–1099, 2016.

RUBENSTEIN, J. L.; MERZENICH, M. M. Model of autism: increased ratio of excitation/inhibition in key neural systems. *Genes, Brain and Behavior*, v. 2, n. 5, p. 255–267, 2003.

SCHAAF, R. C. et al. Occupational therapy using a sensory integrative approach for children with developmental disabilities. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 65, n. 1, p. 76–85, 2011.

SCHMIDT, C.; COSTA, M. A.; LOPES, D. A. *Formação docente e inclusão de alunos com TEA: um estudo de caso*. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, n. 1, p. 105-120, 2020.

SILVA, D. R. **Autismo e os desafios sensoriais na escola**. Curitiba: Appris, 2017.

SILVA, M. L.; SCHMIDT, A. O desafio da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola regular. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 2, p. 199-214, 2019.

SILVA, Mércia Denise Araujo da; ARAÚJO, Francisco Roberto Diniz. AMBIENTE ESCOLAR: DESAFIOS E INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO NEUROLÓGICO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 10, n. 5, p. 2683–2694, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i5.13964. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13964>. Acesso em: 31 jul. 2025.

TOMCHEK, S. D.; DUNN, W. Sensory processing in children with and without autism: a comparative study using the Short Sensory Profile. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 61, n. 2, p. 190–200, 2007.